



# Construções gramaticais e ponto de vista: as concessivas [Embora P, Q] e as condicionais concessivas [Se P, Q]

**Lilian Ferrari**

Universidade Federal do Rio de Janeiro, CNPq

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7808-4425>

[lilianferrari@letras.ufrj.br](mailto:lilianferrari@letras.ufrj.br)

**Gabriela Ribeiro**

Universidade Federal do Rio de Janeiro

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1801-9212>

[gabrielaribeiroufrj@gmail.com](mailto:gabrielaribeiroufrj@gmail.com)

## RESUMO

Este trabalho contrasta construções concessivas [Embora P, Q] e condicionais concessivas [Se P, Q] em textos jornalísticos do português brasileiro. Com base no Princípio da Não Sinonímia (GOLDBERG, 1995), evidencia-se que essas construções apresentam diferenças pragmáticas que podem ser explicadas a partir da alternância de ponto de vista na rede de espaços mentais na qual se inserem (FAUCONNIER, 1994, 1997; CUTRER, 1994; DANCYGIER & SWEETSER, 2012). A análise destaca que, nas concessivas [Embora P, Q], o ponto de vista é alocado no espaço Base, referente ao aqui e agora do jornalista. Já nas condicionais concessivas [Se P, Q], o ponto de vista é deslocado para um espaço de discurso reportado, referente à fala de uma terceira pessoa reportada anteriormente no discurso. Associadas às diferentes estratégias de sinalização de ponto de vista, essas construções também refletem posturas epistêmicas distintas. As concessivas refletem postura epistêmica positiva e, portanto, comprometimento do jornalista com a factualidade do evento descrito na cláusula introduzida por “embora”, enquanto as condicionais concessivas refletem postura epistêmica neutra, indicando que o jornalista expressa neutralidade com relação à factualidade do evento reportado na prótase condicional introduzida por “se”.

**PALAVRAS-CHAVE:** Construção concessiva; Construção condicional concessiva; Ponto de vista.

## Grammatical constructions and viewpoint: Concessives [Embora P, Q] and concessive conditionals [Se P, Q]

### ABSTRACT

This work contrasts concessive constructions [Embora P, Q] and concessive conditionals [Se P, Q] in journalistic texts in Brazilian Portuguese. Based on the Non-Synonymy Principle (GOLDBERG, 1995), it is shown that these constructions present pragmatic differences that can be explained through viewpoint alternation in the relevant mental spaces configuration (FAUCONNIER, 1994, 1997; CUTRER, 1994; DANCYGIER & SWEETSER, 2005). The analysis claims that, in concessives [Embora P, Q], viewpoint is located in the base



space, which refers to the journalist's here and now. On the other hand, in concessive conditionals [Se P, Q], viewpoint moves to a reported speech space which refers to the speech of a third party previously reported in discourse. Associated to different strategies in viewpoint marking, these constructions also reflect distinct epistemic stances. Concessives reflect positive epistemic stance and thus the journalist's commitment with the factuality of the event described in the clause introduced by "embora" (roughly, although), whereas concessive conditionals reflect neutral epistemic stance, indicating that the journalist exhibits neutrality with respect to the factuality of the event reported in the concessive conditional protasis introduced by "se" (roughly, if).

**KEYWORDS:** Concessive construction; Concessive conditional construction; Viewpoint.

## 1. Introdução

Este estudo objetiva contrastar as construções concessivas [Embora P, Q] e as condicionais concessivas [Se P, Q] no português brasileiro. A análise parte da noção de construção gramatical, em que se concebem as construções como pareamentos de forma e significado que constituem o conhecimento linguístico do falante<sup>1</sup> (GOLDBERG, 1995, 2006; HILPERT, 2014; DIESSEL, 2019). O significado, por sua vez, é abordado com base no referencial teórico da Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994, 1997).

Os dados analisados foram retirados de textos jornalísticos, acessados a partir da plataforma NILC/São Carlos<sup>2</sup>. O objetivo da pesquisa é contrastar as concessivas [Embora P, Q] e as condicionais concessivas [Se P, Q], observadas em contextos tais como:

(1) FSP940101-112:

Há um mercado em expansão para os melhores produtos destinados a cinemas de arte – especialmente, neste exato momento, filmes asiáticos. Mas ou você os vende muito bem, ou não vende de jeito nenhum... Assim, embora os números globais cresçam, não é muita gente que vê a cor dos lucros.

(2) FSP940224-002:

Até a votação, de fato, estava nas mãos do Congresso a responsabilidade de possibilitar aquilo que é considerado pré-condição básica para qualquer proposta de combate à inflação no país: um mínimo de equilíbrio orçamentário. (...) Se é condição necessária, porém, esse equilíbrio das contas públicas (...) fica longe de ser suficiente para derrotar o dragão inflacionário.

Levando-se em conta o Princípio da Não Sinonímia (GOLDBERG, 1995), a hipótese estabelecida é a de que apesar de semanticamente semelhantes, as concessivas introduzidas por "embora", tal como exemplificado em (1), e as condicionais concessivas, do tipo ilustrado em (2), apresentam diferenças pragmáticas.

<sup>1</sup> Embora o trabalho enfoque dados jornalísticos escritos, adotamos o uso convencional da dicotomia falante/ouvinte, para referência aos participantes da interação linguística.

<sup>2</sup> Disponível em: <http://www.linguatca.pt>.

A análise evidencia que a principal distinção pragmática entre as construções está relacionada à alternância na sinalização de ponto de vista na rede de espaços, na qual se inserem os espaços concessivos P e Q (FAUCONNIER, 1994, 1997; CUTRER, 1994; DANCYGIER & SWEETSER, 2005). Os resultados indicam que as concessivas [Embora P, Q] adotam o ponto de vista do espaço Base, referente ao aqui-e-agora do falante/redator, enquanto as condicionais concessivas [Se P, Q] são construídas a partir do deslocamento do ponto de vista da Base para um espaço de discurso reportado anteriormente aberto no discurso. Além disso, verifica-se que essa diferença nas estratégias de sinalização de ponto de vista reflete posturas epistêmicas distintas do jornalista em relação ao evento descrito em P. Sendo assim, as concessivas indicam postura epistêmica positiva e, portanto, comprometimento do jornalista com a factualidade do evento descrito na cláusula introduzida por “embora”, enquanto as condicionais concessivas indicam postura epistêmica neutra, de modo que o jornalista exibe neutralidade em relação ao evento/estado de coisas descrito na prótase condicional.

## 2. Pressupostos teóricos

Nesta seção, enfocam-se os fundamentos teóricos da pesquisa. Em 2.1, a abordagem construcionista e a relação entre construções será abordada com base no Princípio da Não Sinonímia (GOLDBERG, 1995). Já em 2.2, o modelo dos espaços mentais é abordado, destacando-se a noção de ponto de vista, bem como o conceito de postura epistêmica.

### 2.1 Construções gramaticais e relações entre construções

A abordagem construcionista da gramática tem como ponto de partida a noção de construção gramatical, definida tradicionalmente como pareamento convencional entre forma, refletida no polo fonológico, e significado, que constitui o polo semântico-pragmático (LAKOFF, 1987; FILLMORE, KAY & O'CONNOR, 1988).

No âmbito da Gramática de Construções Cognitiva, que integra a vertente mais ampla da Gramática de Construções Baseada no Uso, postula-se, ainda, que aspectos da forma ou do significado não são estritamente preditíveis a partir de partes componentes da construção ou de outras construções previamente estabelecidas na língua (GOLDBERG, 1995). Posteriormente, Goldberg (2006) acrescenta, ainda, que mesmo quando totalmente preditíveis, padrões podem ser armazenados como construções, desde que ocorram com frequência suficiente.

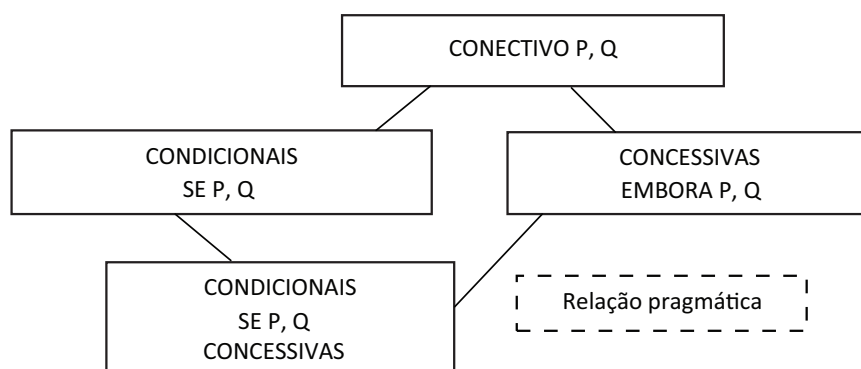
Em linhas gerais, considera-se que as construções gramaticais têm significado convencional e esquemático, independentemente das palavras que as compõem. Além disso, acham-se organizadas em redes construcionais, tendo como um dos princípios psicológicos relevantes dessa organização o Princípio da Não Sinonímia, que prevê que se duas construções são sintaticamente distintas, tais construções devem ser também distintas semântica ou pragmaticamente. Como ilustrado por Goldberg (1995, p. 89), a construção bitransitiva *John gave Mary an apple* (literalmente, “John deu Mary uma maçã”) e a construção dativa *John gave an apple to Mary* (“John deu uma maçã para Mary”) são sintaticamente distintas – [SN V SN1 SN2] e [SN1 V SN



SP], respectivamente) – e semanticamente semelhantes por se referirem ao mesmo evento no mundo; sendo assim, diferem pragmaticamente, e a diferença pragmática, neste caso, pode ser atribuída à estrutura informacional (LAMBRECHT, 1994). Assim, *John gave Mary an apple* seria uma resposta adequada à pergunta “O que John deu a Mary?”, em que o recipiente *John*, por ter sido previamente mencionado no discurso, assume a função de tópico, e a maçã é a informação nova, assumindo a função de foco. Já em *John gave an apple to Mary*, ocorre exatamente o oposto, e a sentença seria adequada para responder a “A quem John deu uma maçã?”; nesse caso, a maçã é o tópico, e *Mary* é a informação nova com função de foco.

Partindo dessa perspectiva teórica, enfocamos, neste trabalho, a distinção pragmática entre as construções concessivas e as condicionais concessivas, que podem ser consideradas instanciações da estrutura complexa esquemática [CONECTIVO P, Q]. Nos casos em que a construção [Se P, Q] admite leitura concessiva, verifica-se uma semelhança semântica com as concessivas [Embora P, Q]. De acordo com o Princípio da Não Sinonímia, é possível prever, portanto, uma distinção pragmática entre ambas, como ilustrado na Figura 1:

**FIGURA 1.** Relação entre Concessivas e Condicionais Concessivas na rede construcional



Fonte: Produzida pelas autoras

Neste trabalho, argumentamos que a relação pragmática entre as concessivas e as condicionais concessivas pode ser descrita em termos de diferentes estratégias de sinalização de ponto de vista, nos termos propostos pela Teoria dos Espaços Mentais. As bases teóricas dessa proposta serão descritas a seguir.

## 2.2 Espaços mentais, ponto de vista e postura epistêmica

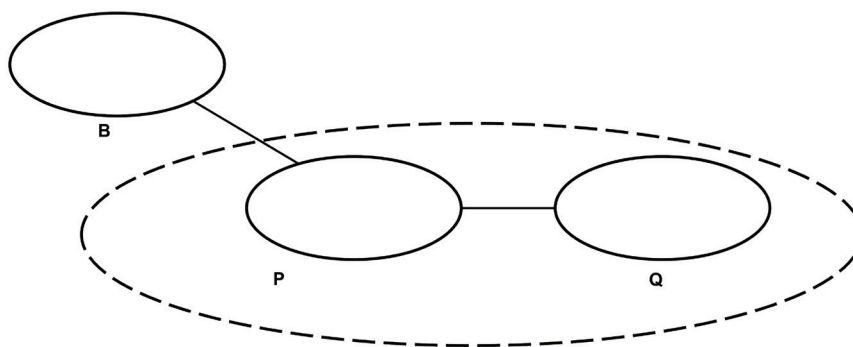
A Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994, 1997) propõe que espaços são criados à medida que o discurso se desenvolve. Em termos linguísticos, a criação desses espaços é sinalizada por uma série de estruturas formais denominadas construtores de espaços mentais (*space builders*), como sintagmas preposicionais temporais e locativos (no mês que vem, na Europa, etc.), advérbios (felizmente, etc.), marcadores modo-temporais (presente, pretérito, etc.), cláusulas subordinadas introduzidas por “quando”, “se”, entre outros recursos.

Com relação às construções sintáticas complexas, há a criação de dois espaços encaixados. No caso das condicionais, os espaços referentes à prótase P e à apódose Q são construídos a

partir da conjunção “se”. De acordo com Dancygier e Sweetser (2005), a cláusula “se” solicita a construção de dois espaços condicionais, a partir do esquema [Se P, Q], como na sentença “Se chover, eles cancelarão o jogo”. Essa configuração de espaços pode ser representada na Figura 2:

**FIGURA 2:** Representação dos espaços solicitados a partir das condicionais.

Em B, temos a Base; em P, o espaço Fundação e em Q, o espaço Expansão.



Fonte: Baseado em FERRARI (2014)

Em B, temos representado o espaço Base, ou seja, o espaço onde o evento de fala ocorre efetivamente. Tomando-se B como ponto de vista, temos representado o espaço Fundação, espaço onde a subordinada (ou prótase) é criada a partir da cláusula “Se”. Por fim, em Q, temos o espaço Expansão, que abriga a oração principal (ou apódose). Nessa representação, a linha pontilhada, envolvendo o espaço P (espaço Fundação) e o espaço Q (espaço Expansão), sugere uma relação mais estreita entre esses dois espaços.

No caso das concessivas introduzidas por “embora”, a representação é semelhante, com um espaço criado a partir da cláusula “Embora”, e um espaço encaixado correspondendo à cláusula principal. A diferença é que a relação entre os eventos descritos em P e Q é contrária às expectativas e valores culturais compartilhados (VERHAGEN, 2005). Assim, no exemplo “Embora esteja chovendo, o jogo vai ser mantido”, nega-se a expectativa implícita de que a chuva cause o cancelamento do jogo.

Em linhas gerais, portanto, condicionais e concessivas ativam dois espaços encaixados, embora a relação entre esses espaços tenda a ser distinta: de causalidade, nas primeiras<sup>3</sup>, e de oposição, no caso da concessividade. Vale destacar, entretanto, que há áreas de contraste e superposição entre concessivas e condicionais concessivas, analisadas na literatura em termos de prototipicidade e desenvolvimento histórico (KÖNIG, 1986; HARRIS, 1986) e, mais recentemente, em termos de espaços alternativos (DANCYGIER & SWEETSER, 2005). Na esteira dessa última contribuição, ancorada na Teoria dos Espaços Mentais (Fauconnier, 1994, 1997) e de estudos sobre o fenômeno do ponto de vista no âmbito do modelo (DANCYGIER &

<sup>3</sup> Dancygier e Sweetser (2005) propõem que os espaços P e Q nas condicionais estabelecem uma relação condicional e causal, em diferentes níveis. Nas condicionais de conteúdo, a relação de causalidade envolve dois eventos no mundo. Nas condicionais epistêmicas, a relação causal é entre um estado de coisas e uma conclusão estabelecida pelo falante. Já nas condicionais pragmáticas, a relação é entre um estado de coisas e um ato de fala (diretivo, compromissivo, etc.) realizado condicionalmente pelo falante.

SWEETSER, 2012; FERRARI & SWEETSER, 2012; DANCYGIER, WEI-LUN & VERHAGEN, 2016), enfocamos, neste trabalho, o contraste entre concessivas introduzidas por “embora” e condicionais concessivas.

Além disso, a noção de postura epistêmica, desenvolvida por Fillmore (1990) e definida como a associação ou dissociação mental do falante com o evento descrito na prótase, é outro parâmetro relevante na análise. Essa noção pode ser dividida em três possibilidades: a primeira seria a postura epistêmica positiva; a segunda, neutra e a terceira, negativa. As sentenças, a seguir, exemplificam essas instâncias:

(3) Quando ele retornar, faremos uma festa.

(4) Se ele retornar, faremos uma festa.

(5) Se ele retornasse, faríamos uma festa.

Na sentença (3), a cláusula temporal iniciada por “Quando” indica que o falante tem a crença em que o retorno esperado ocorrerá em um futuro próximo. Assim, a postura epistêmica empregada é positiva. Em (4), a condicional utilizada não indica se o retorno será realizado ou não, mas implica no levantamento de uma possibilidade. Portanto, a postura epistêmica, nesse caso, é neutra. Por fim, em (5), a forma verbal no pretérito imperfeito do subjuntivo demonstra que o falante não acredita que o retorno será realizado, sendo a postura epistêmica negativa.

Neste trabalho, ressaltamos que a conjunção “embora”, de modo similar à conjunção “quando”, sinaliza postura epistêmica positiva, já que o falante se compromete com a factualidade do evento descrito, enquanto que nas condicionais concessivas, tal como nas condicionais em geral, a relação de concessividade é estabelecida a partir de uma postura epistêmica neutra, por força da conjunção “se”.

### 3. Pressupostos metodológicos

Nesta seção, os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa são apresentados, detalhando o recorte do objeto de estudo, a origem dos dados, os objetivos e hipóteses da pesquisa.

#### 3.1 Objeto de Estudo

A pesquisa enfoca construções sintaticamente distintas que apresentam conteúdo semântico de incongruência entre os eventos descritos na subordinada e na principal. Em particular, o objeto de estudo é o contraste entre as concessivas [Embora P, Q] e as condicionais concessivas [Se P, Q], que podem ser definidas como construções condicionais não prototípicas.

Para se ter um panorama inicial das características sintáticas das construções investigadas, foi feita uma breve análise da estrutura dessas construções, observando-se a posição da oração subordinada de maior ocorrência nos dados obtidos durante a pesquisa. Esse mapeamento pode ser sintetizado na Tabela 1:





**TABELA 1.** Frequências das condicionais concessivas (Se) e das concessivas (Embora) nas posições antepostas, pospostas e intercaladas.

	ANTEPOSTAS		POSPOSTAS		INTERCALADAS		TOTAL
	FREQ.	PERC.	FREQ.	PERC.	FREQ.	PERC.	
Embora	25	52%	15	31%	8	17%	48
Se	17	100%	0	0%	0	0%	17

Fonte: Produzida pelas autoras

A partir dos dados da Tabela 1, podemos observar que as condicionais concessivas possuem uma maior ocorrência da oração subordinada em posição anteposta, totalizando 100% dos casos. Por outro lado, embora as concessivas apresentem uma maior distribuição entre as três posições, totalizando 52% em posição anteposta, 31% em posição posposta e 17% em posição intercalada, a posição anteposta também é mais frequente. Desse modo, o presente estudo enfoca as duas construções em posição anteposta, para garantir uma maior comparabilidade.

Além disso, a escolha dessas duas construções – concessivas [Embora P, Q] e condicionais concessivas [Se P, Q] – resulta do caminho metodológico de analisar duas formas concessivas envolvendo conjunções simples na oração subordinada (respectivamente, “se” e “embora”). Assim, construções concessivas encabeçadas por locuções conjuntivas do tipo “ainda que” e “mesmo que”, por exemplo, foram desconsideradas na presente análise, apesar de também apresentarem conteúdo semântico de incongruência entre P e Q.

### 3.2 Banco de dados

O banco de dados foi retirado do corpus NILC/São Carlos, que integra a plataforma Linguateca (<http://www.linguateca.pt>). O corpus NILC (Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional) da Universidade de São Paulo, em São Carlos, contém textos do registro jornalístico, textos de materiais didáticos, entre outros. Para a análise, foram selecionados dados de textos jornalísticos do português brasileiro, publicados no Jornal *Folha de São Paulo* no ano de 1994.

### 3.3 Objetivos e hipóteses

A pesquisa objetiva investigar a motivação para o uso de concessivas [Embora P, Q] em contraste com condicionais concessivas [Se P, Q] em textos jornalísticos. Com base no Princípio da Não Sinonímia (GOLDBERG, 1995), parte-se da hipótese de que as duas construções são semelhantes com relação ao significado, mas as concessivas [Embora P, Q] apresentam diferenças pragmáticas em relação às condicionais concessivas [Se P, Q], que podem ser caracterizadas em termos das noções cognitivas de ponto de vista e postura epistêmica.

## 4. Análise

Esta seção enfoca aspectos relacionados à construção cognitiva do significado em concessivas [Embora P, Q] e condicionais concessivas [Se P, Q], analisando trechos discursivos nos quais

se inserem cada uma das construções. Os resultados evidenciam que concessivas [Embora P, Q] adotam o ponto de vista da Base, no qual se inclui o próprio jornalista, suas opiniões e crenças, enquanto as condicionais concessivas adotam o ponto de vista de um espaço de discurso reportado, anteriormente aberto no discurso.

#### 4.1 Análise das Concessivas [Embora P, Q]

As concessivas [Embora P, Q] são construções que apresentam um conteúdo semântico concessivo e, portanto, através de seu emprego, temos o contraste da informação contida na oração subordinada com a da oração principal. A seguir, apresentam-se alguns dados retirados de textos jornalísticos para a análise dessas construções, como se verifica a seguir:

(6) FSP940606-009:

A conservação passa a ser instrumento de uma determinada escolha desenvolvimentista, ancorada na necessária sustentabilidade de todas as interferências humanas na base natural do planeta. Embora essa concepção seja declarada em prosa e verso nos discursos oficiais das autoridades governamentais, quase nunca é colocada em prática quando os órgãos e autoridades competentes precisam posicionar-se em relação a empreendimentos que vão na contramão de uma real política de desenvolvimento integrado e sustentado.

No trecho (6), está sendo discutida a incoerência entre a necessidade de um desenvolvimento sustentável com o que realmente ocorre na prática. A oração subordinada “Embora essa concepção seja declarada em prosa e verso nos discursos oficiais das autoridades governamentais” confirma um fato observado pelo próprio jornalista, expressando o seu ponto de vista. Esse fato é ratificado pela ausência de referências externas no trecho. Assim, a oração principal “quase nunca é colocada em prática quando os órgãos e autoridades competentes precisam posicionar-se em relação a empreendimentos que vão na contramão de uma real política de desenvolvimento integrado e sustentado” traz um contraponto à concepção apresentada na subordinada. Dessa forma, ao se fazer essa análise a partir da Teoria dos Espaços Mentais, o espaço aberto pela concessiva e sinalizado a partir de “Embora” apresenta o ponto de vista na própria base discursiva, já que utiliza como antecedente um conhecimento já disponível para o próprio falante.

No exemplo a seguir, a utilização da concessiva pode ser descrita de forma similar ao exemplo anterior:

(7) FSP940331-002:

No momento, porém, importa menos examinar as razões da atitude e mais as suas consequências. A primeira é a mais óbvia: em tese, a desistência de Maluf ajuda os três candidatos com base eleitoral em São Paulo. Embora nada obrigue o eleitorado a votar em candidatos domiciliados no seu Estado, há uma natural inclinação a fazê-lo.

Na passagem (7), o jornalista discute a eleição estadual em São Paulo, no ano de 1994. Sob seu ponto de vista, a desistência do candidato Maluf teria como consequência a ampliação do



eleitorado para os seus concorrentes. Assim, a partir da oração subordinada “Embora nada obri- gue o eleitorado a votar em candidatos domiciliados no seu Estado”, o jornalista cria um espaço de questionamento de um conhecimento compartilhado com os leitores, que será rebatido na oração principal “há uma natural inclinação a fazê-lo.” Assim, ao utilizar a concessiva, o falante estaria empregando uma postura epistêmica positiva, já que a cláusula [Embora P] representa um posicionamento mais assertivo diante do evento descrito.

Na tabela a seguir, podemos observar a escassa ocorrência de discurso reportado no contexto precedente, o que aponta para a hipótese que ao fazer uso do “Embora”, o jornalista teria seu ponto de vista na própria Base:

**TABELA 2.** Ocorrências dos discursos direto, indireto e sem discurso reportado, a partir dos dados obtidos das Concessivas em posição anteposta.

Tipo de discurso reportado	Ocorrências	Porcentagem
Discurso direto	0	0%
Discurso indireto	5	20%
Sem discurso reportado	20	80%
Total:	25	100%

Fonte: Produzida pelas autoras

Por intermédio da Tabela 2, fica evidente que, no que tange ao emprego das concessivas [Embora P, Q], o falante tende a não referenciar, na maioria dos casos, outros pontos de vista. Assim, tem-se o total de 0% de emprego do discurso direto e 20% de discurso indireto antecedendo essas construções, em contraste com 80% de casos sem discurso reportado.

Vale ressaltar que os 5 casos de discurso indireto observados poderiam sugerir que o ponto de vista estaria no Espaço de Discurso Reportado, e não na Base. A explicação para essa possibilidade, entretanto, não parece fugir à generalização de que o ponto de vista se mantém na Base nas concessivas com “embora”, já que o discurso indireto não reporta informação retomada na condicional. Observemos o seguinte exemplo:

(8) FSP940110-001:

A arrecadação de tributos federais em 93 foi significativamente superior à de 92. A receita tributária passou de US\$ 36,9 bilhões para US\$ 46,4, representando um aumento de quase 26%. Segundo o secretário da Receita Federal, Osiris Lopes Filho, o principal motivo para esse desempenho foi a queda verificada na sonegação.

É sabido que a evasão fiscal é um hábito infelizmente antigo e arraigado na sociedade brasileira. Embora imensurável, existem estimativas de que, para cada cruzeiro pago ao governo, outro é sonegado. As distorções geradas por esse fato não são desprezíveis: enquanto a maioria nada paga, uma minoria é sobrecarregada com cada vez mais tributos.

No exemplo (8), embora haja discurso indireto no parágrafo anterior à condicional (“Segundo o secretário da Receita Federal...”), em que se apresenta a informação sobre as relações entre

aumento da receita tributária e queda na sonegação, a prótase da condicional se refere a algo que não fez parte do discurso reportado, que seria a mensurabilidade da sonegação. Assim, a ideia de que a evasão fiscal é imensurável deve ser atribuída ao próprio jornalista.

#### 4.2 Análise das Condicionais Concessivas [Se P, Q]

As condicionais concessivas podem ser definidas como construções condicionais que apresentam uma incongruência entre P e Q, como podemos notar no trecho a seguir, que trata das dificuldades enfrentadas pela seleção brasileira de futebol:

(9) FSP940709-071:

Especial para a *Folha*

Talvez nossa melhor jogada de ataque até o momento tenha sido feita por um jogador que está no banco não se sabe por que, e pior, depois que o jogo já havia acabado. Na voz de Muller, se é bem verdade o que foi confirmado por alguns especialistas, o desabafo de quem, como muitos torcedores, está profundamente descontente.

Há aqueles que, apesar de tudo, ainda defendem a postura do Teimoso e Velho Zaga. Sob a alegação de que o sonho acabou e que temos que jogar defensiva e horizontalmente, vamos aos trancos e barrancos agora para enfrentar a imprevisível Holanda.

Mas há uma contradição explícita na argumentação desses dois técnicos. Se é verdade que temos que abdicar do talento em função de uma marcação abusiva, não é isso o que temos assistido nos jogos do Brasil. Pelo contrário, não fosse a genialidade de Romário aliada à perseverança e garra dos outros jogadores, talvez nem tivéssemos passado pelos EUA.

Em (9), no parágrafo que antecede a condicional concessiva, o jornalista apresenta as alegações dos que defendem a postura dos técnicos em: “Há aqueles que, apesar de tudo, ainda defendem a postura do Teimoso e Velho Zaga. Sob a alegação de que o sonho acabou e que temos que jogar defensiva e horizontalmente (...)”. Adotando esse espaço de discurso reportado como ponto de vista, a prótase “Se é verdade que temos que abdicar do talento em função de uma marcação abusiva” abre um espaço condicional que descreve a perspectiva dos técnicos; a apódose, a seguir, contrapõe o que foi descrito no espaço anterior com uma avaliação do falante: “não é isso que temos assistido nos jogos do Brasil”. Portanto, a construção condicional concessiva é produzida a partir do ponto de vista de um discurso reportado anteriormente. Essa estratégia, por sua vez, é compatível com a postura epistêmica neutra indicada pela conjunção “se”. Assim, o jornalista retoma uma informação oriunda de outra fonte, sem se comprometer diretamente com o que foi dito.

Em um segundo caso, como o que veremos a seguir, ocorre fenômeno similar, sendo a condicional concessiva construída a partir de um discurso direto:

(10) FSP941013-085:

É que o mercado para físicos absorve poucos profissionais que tenham feito apenas graduação. A maioria faz mestrado ou doutorado (mínimo quatro anos cada).

“Por outro lado, o campo é muito bom para físicos doutorados”, diz Gil da Costa Marques, 48, diretor do Instituto de Física da USP. “Não conheço nenhum doutor desempregado”, brinca.

A falta de mercado para profissionais que não tenham pós-graduação é apontada por Marques como uma das principais causas da grande evasão nos cursos de física.

Outro problema comum é que o curso é, tradicionalmente, puxado. “Não é um bicho de sete cabeças, mas tem três ou quatro”, diz.

Se é difícil sair, é fácil entrar no curso de física. A relação candidato/vaga é baixa (3.6 na Fuvest 94).

No fragmento (10), o tema principal são algumas dificuldades encontradas pelos graduandos e graduados no curso de física. A primeira dificuldade colocada é a falta de mercado para aqueles que possuem apenas a graduação, confirmada pela reprodução da fala de Gil da Costa Marques, diretor do Instituto de Física da USP, sobre a necessidade dos diplomas de pós-graduação para a ampliação das oportunidades de trabalho. A partir dessas considerações, o jornalista reporta mais uma vez a fala do diretor do Instituto de Física da USP, em discurso direto. Em seguida, a condicional concessiva “Se é difícil sair, é fácil entrar no curso de física” é encaixada. A fala “Não é um bicho de sete cabeças, mas tem três ou quatro” de Marques é o espaço de discurso reportado em que se encontra o ponto de vista. A partir desse espaço, há a abertura do espaço da condicional concessiva em análise, com a informação de que é difícil sair do curso de física apenas retomada pelo jornalista.

Os exemplos apresentados acima ilustram uma tendência mais geral observada nos dados. Na análise das condicionais concessivas [Se P, Q], foram observadas as ocorrências de um espaço de discurso reportado antecedente a essas construções. Como mostra a tabela a seguir, as ocorrências foram divididas nos parâmetros do discurso direto, indireto e sem discurso reportado:

**TABELA 3.** Tabela com as ocorrências dos discursos direto, indireto e sem discurso reportado, a partir dos dados obtidos das Condicionais Concessivas em posição anteposta.

Tipo de discurso reportado	Ocorrências	Porcentagem
Discurso direto	1	6%
Discurso indireto	16	94%
Sem discurso reportado	0	0%
Total:	17	100%

Fonte: Produzida pelas autoras

Através dos resultados obtidos e explicitados na Tabela 3, é possível observar que, ao empregar as condicionais concessivas, o falante tende a referenciar uma informação apresentada anteriormente no discurso de outros indivíduos. Assim, o discurso indireto antecedendo as condicionais concessivas totalizou 94% dos casos e o discurso direto correspondeu a 6%. O contraste fica evidente quando o total de casos sem discurso reportado é de 0%.

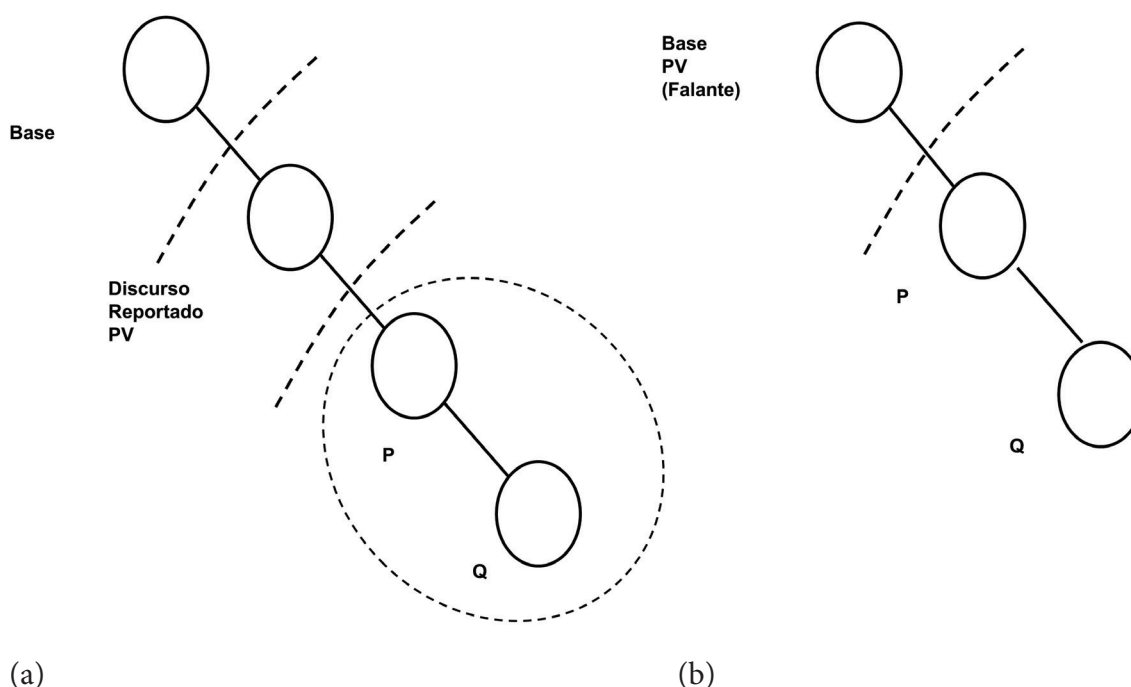
### 4.3 Discussão

De acordo com a análise, o uso de condicionais concessivas nos textos jornalísticos parte de um ponto de vista mais distanciado da Base, estabelecido a partir de um espaço de Discurso Reportado (direto ou indireto). Esse uso pode ser considerado como uma estratégia do jornalista, para alcançar uma certa neutralidade dentro do seu discurso. Vale destacar, ainda, que por serem introduzidas pela conjunção “se”, normalmente associada à postura epistêmica Neutra (FILLMORE, 1990), as condicionais concessivas favorecem esse tipo de estratégia de deslocamento de ponto de vista.

Por outro lado, o uso de concessivas [Embora P, Q], como as que foram analisadas neste estudo, evidencia uma maior aproximação do conteúdo apresentado e o ponto de vista do jornalista, já que essas construções, por sinalizarem postura epistêmica positiva, são compatíveis com a manutenção do ponto de vista na Base.

Assim, propõe-se que a Figura 3, com seus esquemas (a) e (b), representa a construção dos espaços acionados pelas condicionais concessivas e pelas concessivas introduzidas por “embora”, nos termos da Teoria dos Espaços Mentais.

**FIGURA 3.** Espaços Mentais e Ponto de Vista no uso de Condicionais Concessivas e Concessivas.



Fonte: Produzida pelas autoras

Na figura 3(a), estão representados os espaços mentais acionados com o uso das condicionais concessivas nos textos jornalísticos analisados. Na Base, temos o espaço discursivo corrente, onde existem falante e ouvinte se relacionando a partir das interações linguísticas. No espaço de discurso reportado, temos a fala de outros indivíduos utilizada pelo jornalista como uma forma de referenciar informações relevantes. De acordo com a análise, o ponto de vista se desloca para

o espaço de discurso reportado, demonstrando um certo distanciamento do jornalista, para se criarem os espaços da condicional concessiva.

Por outro lado, na Figura 3(b), estão representados os espaços das concessivas [Embora P, Q]. Nesse caso, o ponto de vista estaria na Base, determinando uma relação mais estreita entre o falante e a informação apresentada na concessiva. Dessa forma, no caso dessas concessivas não se observa com tanta frequência o emprego do discurso direto ou indireto antecedendo as construções.

Além disso, podemos observar que as condicionais concessivas indicam sempre postura epistêmica neutra, enquanto as concessivas [Embora P, Q] sinalizam postura epistêmica positiva. Assim, de acordo com a nossa análise, o emprego da postura epistêmica neutra licenciada pelo uso da condicional concessiva [Se P, Q] corrobora o distanciamento do falante em relação ao evento que está sendo descrito na prótase, o que também será ratificado através do ponto de vista presente em um espaço de discurso reportado. Por outro lado, a indicação de postura epistêmica positiva no uso das concessivas [Embora P, Q] sinaliza uma proximidade do falante com a informação propagada, o que pode ser ratificado pelo ponto de vista se encontrar na própria base discursiva. O Quadro 1 traz uma síntese dessas relações.

**QUADRO 1.** Relação entre a noção de Postura Epistêmica e Ponto de Vista nas Condicionais Concessivas e Concessivas [Embora P,Q]. (X) sinaliza a ocorrência e (-) a não ocorrência

	Postura Epistêmica Positiva + Ponto de Vista interno	Postura Epistêmica Neutra + Ponto de Vista externo
Se	-	X
Embora	X	-

Fonte: Produzido pelas próprias autoras

De forma geral, foi observado que o uso das condicionais concessivas [Se P, Q] está relacionado ao emprego de uma postura epistêmica neutra e a um ponto de vista externo, enquanto que no que tange ao uso das concessivas [Embora P, Q], temos o emprego de uma postura epistêmica positiva e de um ponto de vista interno.

### Considerações finais

Este trabalho contrastou as construções concessivas [Embora P, Q] e as condicionais concessivas [Se P, Q] do português brasileiro. Com base em dados retirados de textos jornalísticos escritos, o estudo evidenciou que, embora semanticamente semelhantes, essas construções são distintas pragmaticamente, conforme previsto pelo Princípio da Não Sinonímia (GOLDBERG, 1995).

Os resultados evidenciaram que a distinção pragmática entre as construções está relacionada ao posicionamento do ponto de vista (PV) na construção dos espaços concessivos P e Q. No caso das concessivas [Embora P, Q], o PV está ancorado na Base, que representa o aqui-e-agora do jornalista. Já no caso das condicionais concessivas [Se P, Q], o PV é deslocado para o Espaço

de Discurso Reportado, associado à fala de uma terceira pessoa. Essas diferentes estratégias de posicionamento do PV, por sua vez, são compatíveis com a postura epistêmica associada a cada construção. Mais especificamente, a concessiva [Embora P, Q] sinaliza postura epistêmica positiva, indicando que o jornalista se compromete com a factualidade do evento descrito, enquanto a condicional concessiva [Se P, Q] indica postura epistêmica neutra, permitindo que o jornalista não se comprometa com a factualidade das informações apresentadas por terceiros. Em linhas gerais, o uso dessas construções foi associado à escolha do falante (no caso, jornalista), de se aproximar ou distanciar das informações apresentadas.

## CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Lilian Ferrari – Conceitualização, Administração do Projeto, Escrita – revisão e edição.

Gabriela Ribeiro – Metodologia; Análise Formal; Escrita – rascunho original – revisão e edição.

## FINANCIAMENTO

Conselho Nacional de Pesquisa – Projeto nº 302722/2017-3.

## CONFLITO DE INTERESSES

Não há conflito de interesses.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos participantes ao LINC-UFRJ (Laboratório de Pesquisas em Linguística Cognitiva), pelas contribuições para o desenvolvimento da pesquisa por meio de discussões e sugestões em reuniões do grupo.

## REFERÊNCIAS

CUTRER, Michelle. **Time and Tense in Narratives and Everyday Language**. Ph. D. dissertation, San Diego: University of California, San Diego, 1994.

DANCYGIER, Barbara; SWEETSER, Eve. **Mental Spaces in grammar: conditional constructions**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

DANCYGIER, Barbara; SWEETSER, Eve. **Viewpoint in language; a multimodal perspective**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

DANCYGIER, Barbara; WEI-LUN, Lu; VERHAGEN, Arie (Eds.). **Viewpoint and the fabric of meaning; form and use of viewpoint tools across languages and modalities**. Berlin/Boston: Mouton de Gruyter, 2016.





- DIESSEL, Holger. **The grammar network: How linguistic structure is shaped by language use**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.
- FAUCONNIER, Gilles. **Mental spaces: Aspects of meaning construction in natural language**. Cambridge University Press, 1994.
- FAUCONNIER, Gilles. **Mappings in Thought and Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- FERRARI, Lilian; SWEETSER, Eve. Subjectivity and upwards projection in mental space structure. In: DANCYGUIER, Barbara; SWEETSER, Eve. **Viewpoint in language; a multimodal perspective**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. p. 47-68.
- FILLMORE, Charles. Epistemic stance and grammatical form in English conditional sentences. **Chicago Linguistic Society**, 1990.
- FILLMORE, Charles; KAY, Paul; O'CONNOR, Mary Catherine. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions; the case of let alone. **Language**, v. 64, n. 3, p. 501-538, 1988.
- GOLDBERG, Adele. **Constructions: A construction grammar approach to argument structure**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, Adele. **Constructions at work; the nature of generalization in language**. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- HARRIS, Martin. The historical development of si-clauses in romance. In: TRAUGOTT, Elizabeth; TER MEULEN, Reilly; FERGUSON, Charles (eds.). **On Conditionals**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, p. 353-372, 1986.
- HILPERT, Martin. **Construction Grammar and its Application to English**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.
- KÖNIG, Ekkehard. Conditionals, concessive conditionals and concessives: areas of contrast, overlap and neutralization. In: TRAUGOTT, Elizabeth; TER MEULEN, Reilly; FERGUSON, Charles (Eds.). **On Conditionals**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, p. 229-246, 1986.
- LAKOFF, George. **Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind**. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- LAMBRECHT, Knud. **Information structure and sentence form: topic, focus, and the mental representations of discourse referents**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- VERHAGEN, Arie. **Constructions of intersubjectivity: Discourse, Syntax, and Cognition**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

